

Ele Vê o que os Olhos Não Vêem

*Com o seu amigo Picasso,
Georges Braque inventou a arte moderna*

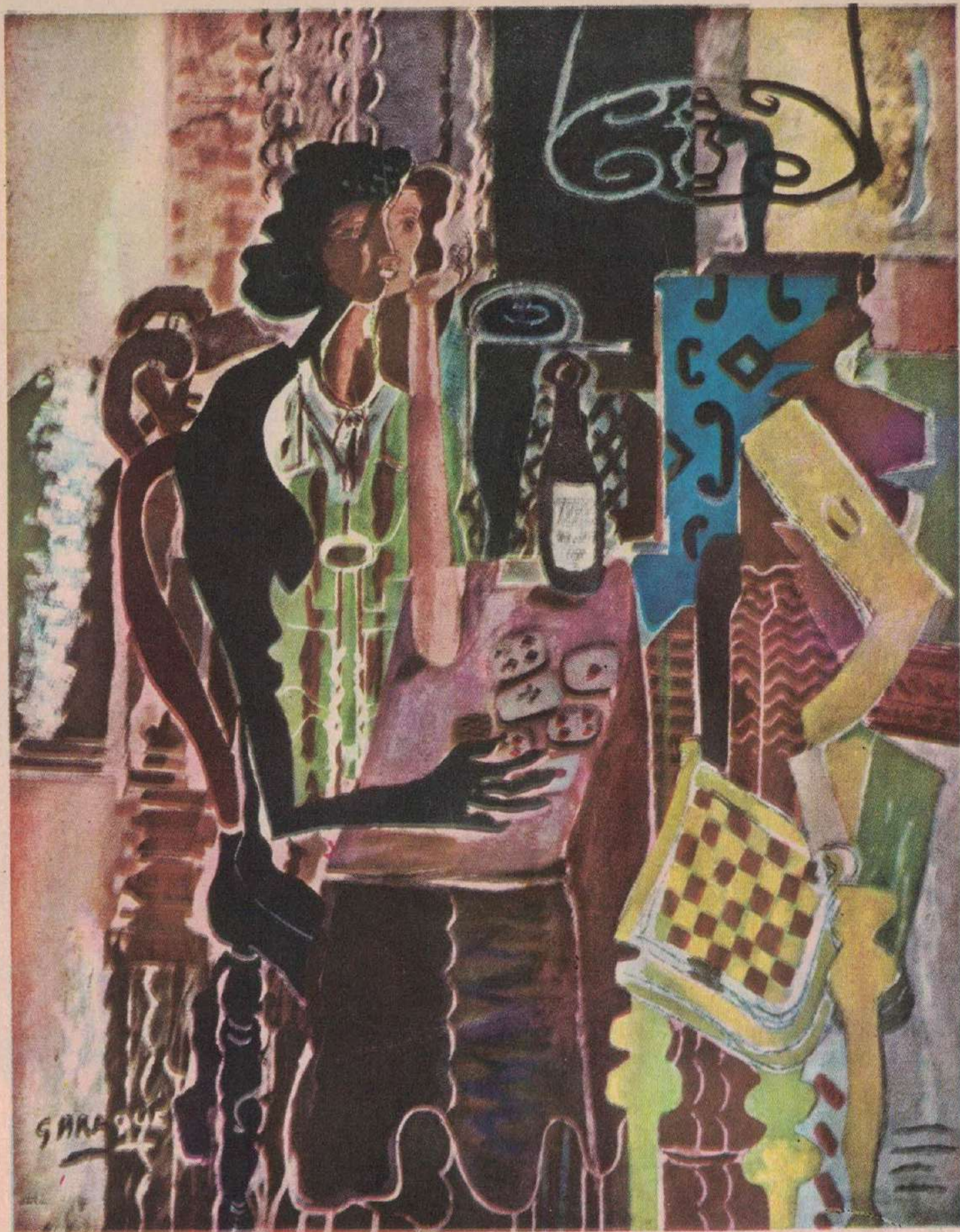
Malcolm Vaughan

HÁ UNS 60 ANOS, na Normandia, um rapaz chamado Georges Braque começou a pintar casas, por dentro e por fora. Era tão destro com o pincel que podia retocar papel de parede ou transformar a parede de gesso numa convincente imitação de tijolos ou lambris de mogno. Hoje êle ainda pinta, não como pintor de paredes, mas como um dos maiores artistas franceses vivos, cujas telas já alcançaram o preço de 234 milhões de cruzeiros. E apesar da sua aptidão profissional para copiar fielmente a Natureza, êle é famoso por fazer o oposto: por criar uma *nova* visão do mundo num universo de tons e figuras dispostas geométrica

ou abstratamente em novas formas e novas harmonias de côres.

O pai e o avô de Braque foram pintores de paredes, e o rapaz deixou a escola aos 17 anos para aprender a profissão da família. Aprendiz de mestres locais, no Havre, êle rapidamente dominou particularidades tais como fingir uma porta ou traves num teto, fazer tábuas de assoalho bruto assemelharem-se a tacos, formando desenhos os mais dispendiosos, e até pintar uma realística guarnição de "mármore". Desde o início ficou patenteado que êle possuía talento extraordinário.

Após haver prestado o serviço militar, decidiu o jovem Braque ser



*"La Patience", da coleção do casal Sam Jaffe, da Califórnia.
Reproduzido de "Modern Painting", Skira*

artista, em vez de artífice, e deixou a casa, dirigindo-se para Paris. Embora achasse a Escola de Belas-Artes pouco arejada, suportou-a por dois anos, aprendendo a técnica dos velhos mestres, copiando-lhes as telas. Enquanto isso, ia fazendo amigos. Do tipo grandalhão—de mais de 1,80 m de altura—era boxador, nadador, navegador e ciclista de primeira. Quase sempre calado e desprezioso, podia, no entanto, em dadas circunstâncias, transformar uma reunião casual numa festa animada, tocando guitarra ou acordeão, cantando canções populares, dançando.

Desassossegado, Braque abandonou a Escola de Belas-Artes para pintar por sua própria conta—a princípio impressões passadistas da natureza, depois paisagens de um colorido ousado. Continuava, entretanto, insatisfeito. Êle, que era capaz de reproduzir com exatidão os veios da madeira e do mármore, que sabia captar, com a fidelidade de um espelho, a beleza de uma paisagem ou de um rosto de mulher, achava que o artista devia fazer mais—não apenas imitar o que via, mas criar algo nôvo.

Nesse estado de espírito êle travou conhecimento com outro pintor ainda jovem, um espanhol que vivia em Paris, chamado Pablo Picasso. Dêsse encontro surgiu o que hoje é denominada Arte Moderna. Outros ajudaram a preparar o caminho, mas êsses dois foram os seus dinâmicos propulsores. Picasso mostrou a Braque o seu último quadro de mulhe-

res nuas: tôda de planos e ângulos, a pintura sugeria uma explosão numa fábrica de lâminas para arados. Braque, porém, a entendia, porque êle reconheceu nos planos e ângulos a geometria que há sob a anatomia superficial. Aos poucos foi sentindo que era aquilo que êle buscava—uma forma de criar sem fazer apenas reproduções da Natureza.

Braque e Picasso tornaram-se amigos íntimos: tão íntimos que, durante muitos anos, suas telas eram muitas vêzes indistinguíveis. Pioneiros, êles se mudaram para o nôvo território e, pouco a pouco, criaram uma arte de formas geométricas que reduz tudo a figuras elementares: cubos, cones, esferas, cilindros.

Outros artistas, críticos e o público denunciaram o cubismo, qualificando-o de monstruoso. O famoso Salon d'Automne recusou-se a expor as obras revolucionárias de Braque. “Êle insulta as formas”, disse um crítico. “Constrói figuras deformadas.” Com o correr dos anos, a zombaria e a oposição atingiram proporções internacionais. Braque e Picasso, entretanto, continuaram fazendo recuar fronteiras, aperfeiçoando o nôvo alfabeto pictórico da arte abstrata.

A Primeira Guerra Mundial interrompeu a carreira de Braque. Um dia, combatendo na linha de frente, o estilhaço de uma granada de artilharia rebentou-lhe a cabeça. Abandonaram-no no campo, como morto, e êle só foi socorrido quando vieram buscar-lhe o corpo para o sepulta-

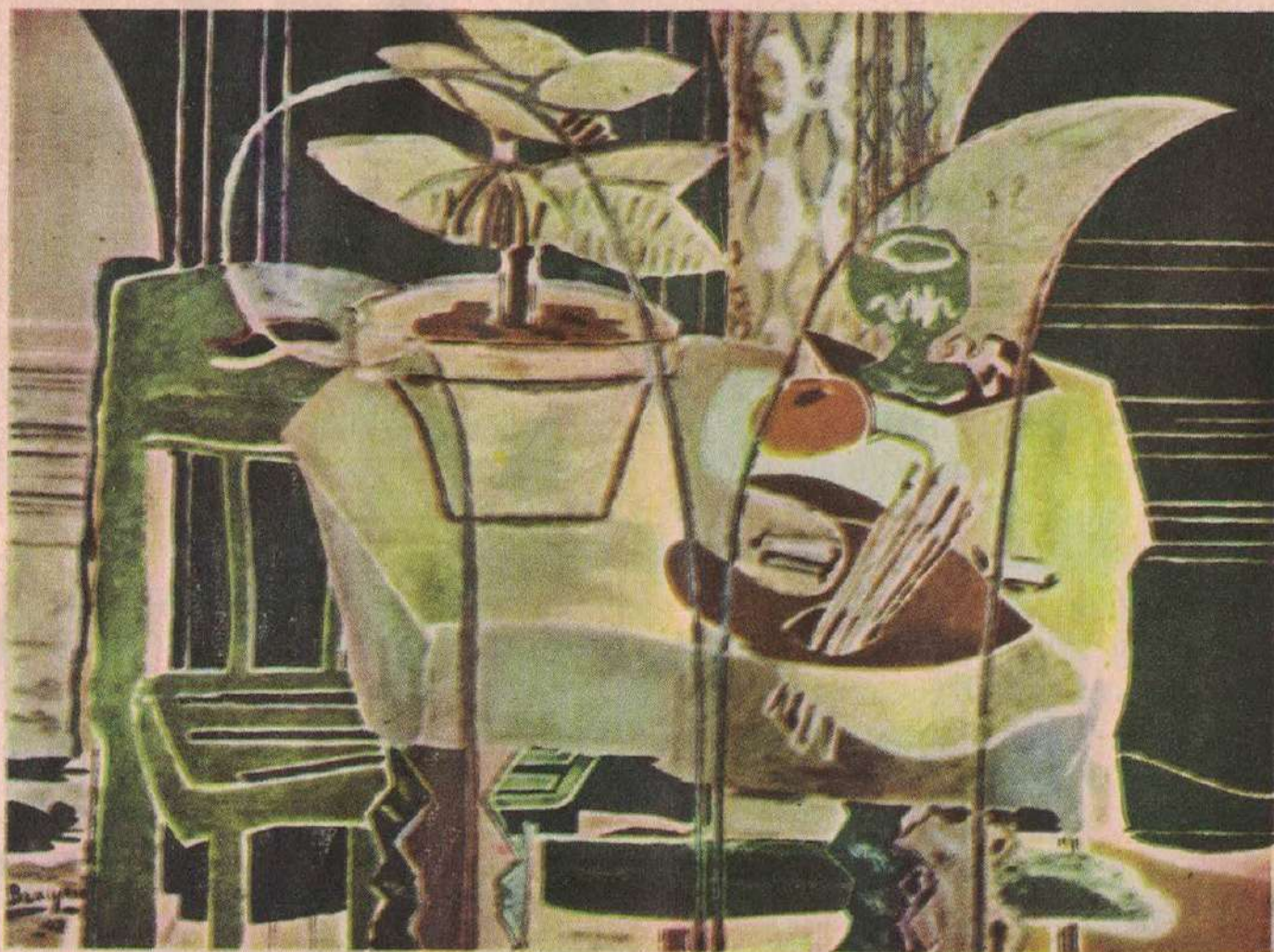
mento, no dia seguinte. Passou mais de um ano em hospitais, voltando lentamente à vida; foi condecorado com a Cruz de Guerra e a Legião de Honra. A esposa, que velava por êle, fê-lo recommençar a pintura.

Seus novos quadros pareciam mais naturalistas do que os antigos—mas só um pouco. Êle nunca mais renunciaria à “arquitetura da pintura” pelos encantos superficiais da Natureza. Porém a êsse tempo uns poucos entendidos de arte começaram a afirmar que essas novas telas eram de uma beleza incomparável. A reputação de Braque aumentou, e com ela as suas vendas. Em 1924 o mesmo

Salon d'Automne que 14 anos antes lhe recusara as obras pediu-lhe que as exhibisse. Êle mandou 14 quadros, um para cada ano, e todos foram vendidos.

Mesmo assim, muitos críticos e o público ainda continuaram ferozmente hostis, ano após ano. Em 1937 um crítico de arte norte-americano viu um quadro de Braque que acabara de conquistar o primeiro prêmio na Exposição Carnegie Internacional, realizada em Pittsburgo, e bradou: “Isso é pintura ou é brincadeira?” O modesto artista não respondeu; jamais se dera ao incômodo de discutir com os seus detratores.

*“Intérieur: Palette et Pot de Fleurs”, coleção particular U.S.A.
Reproduzido de “G. Braque”, Editions Pierre Tisné, Paris*



Braque beirava os 50 anos quando realizou um desejo que alimentara desde a mocidade: uma casa na sua terra natal, a Normandia, junto ao mar, onde êle passa hoje a maior parte do ano. É uma casa de campo modesta, de telhado vermelho e janelas de caixilho, mas nos fundos há um estúdio moderno, de pé direito alto, quase todo feito de vidro leitoso. Nos dias mais enevoados essa peça é clara por dentro, e quando o sol inunda as paredes translúcidas vemos envolvidos por um resplendor intenso. É ali, em meio a cinco ou seis cavaletes e mobiliário simples e pouco numeroso—parte dêle feito pelas suas próprias mãos—que Braque hoje trabalha. Não são vistos modelos, fotografias, ou desenhos para guiar os olhos do pintor.

—Eu nunca imagino um quadro

antes de começar a pintá-lo—diz êle. —Cada quadro se faz sob o pincel . . . descobro-o na tela.

Atualmente, perto dos 80 anos, êle ainda passa os dias inteiros pintando, esculpindo, desenhando ou fazendo qualquer outro trabalho manual. Vendo-o assim junto ao cavalete, com seu porte alto e elegante, a cabeleira branca, envergando um guarda-pó branco de algodão, calças de belbutina e um lenço amarelo ao pescoço, poder-se-ia dizer que ali está um ator de cinema encarnando o papel de um artista em um filme. Em realidade nada existe de revolucionário em seu aspecto. Entretanto, é exatamente isto o que êle é. Porque, com o seu amigo Picasso, êsse desprezioso ex-pintor de paredes criou uma nova maneira de ver, e mudou o rumo da Arte.



Sem Gasolina

S. THOMAS, engenheiro de Cleveland, no Ohio, que gosta de veículos elétricos desde mocinho, instalou um motor elétrico e um jôgo de baterias num Rambler e saiu guiando sem ruído pela cidade, deixando boquiabertos os outros motoristas. Como piada, entrou com o carro num pôsto de gasolina e pediu que enchessem o tanque, dizendo que tinha apenas conseguido planar até à bomba. Após procurar sem êxito, o dono do pôsto perguntou:

—Êste carro é nôvo?

Thomas respondeu que era, e o homem exclamou:

—Não puseram tanque de gasolina!

—Então foi por isso que a gasolina acabou—disse Thomas, pisando no pedal de contrôle e partindo sem ruído.

—J. C. Furnas, em *The Saturday Evening Post*